

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)

**O IMBRICAMENTO DE SEQUÊNCIAS TEXTUAIS NA REDAÇÃO DO ENEM:
FUNÇÕES DA SEQUÊNCIA NARRATIVA**

**THE INTERWEAVING OF TEXTUAL SEQUENCES IN ENEM ESSAYS:
FUNCTIONS OF THE NARRATIVE SEQUENCE**

Érica Priscília Alves da Silva¹
Ananias Agostinho da Silva²
Francisco Mailson de Lima Cavalcante³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o funcionamento da sequência narrativa no imbricamento com outras sequências textuais em redações do Enem avaliadas com nota mil, consideradas como exemplares prototípicos desse gênero. Para tanto, nos embasamos teoricamente na Análise Textual dos Discursos (Adam, 2011; 2019) e em trabalhos da Linguística Textual, como Marcuschi (2003; 2008), Oliveira (2020), Cavalcante (2024), Cavalcante *et al.* (2022) e Cavalcante e Silva (2023). Ancorados nessas vertentes, realizamos a análise de duas redações nota mil do Enem da edição de 2022, em que buscamos demonstrar como o participante faz uso de um imbricamento de sequências textuais para desenvolver a sua argumentação. Os resultados apontam que esse imbricamento de sequências é fundamental em um texto nota mil do gênero, pois ele potencializa a argumentação no texto do Enem.

Palavras-chave: Sequências textuais. Redações nota mil do Enem. Sequência narrativa.

ABSTRACT: This article aims to analyze the role of the narrative sequence in its interweaving with other textual sequences in ENEM essays awarded a score of one thousand, considered prototypical examples of the genre. To this end, we use Discourse Textual Analysis (Adam, 2011; 2019) as the main analytical approach and draw on theoretical works from Textual Linguistics, such as Marcuschi (2003; 2008), Oliveira (2020), Cavalcante (2024), Cavalcante *et al.* (2022), and Cavalcante & Silva (2023). Based on these perspectives, we analyze two Enem essays with a score of one thousand from the 2022 edition, aiming to demonstrate how the participant employs an interweaving of textual sequences to develop their argumentation. The results indicate that this interweaving of sequences is essential in a top-scoring essay, as it enhances the argumentation in Enem texts.

Keywords: Textual sequences. Enem top-scoring essays. Narrative sequence.

¹ Autora do trabalho. Graduanda em Letras-Português, pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT). E-mail: priscillya47@gmail.com.

² Orientador do trabalho. Doutor em Estudos da Linguagem. Professor do curso de Letras-Português, pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT). E-mail: ananias.silva@ufersa.edu.br.

³ Coorientador do trabalho. Mestre em Ensino. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT). E-mail: mailson@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

No escopo dos estudos linguísticos do texto, Jean-Michel Adam (2011; 2019) propôs um empreendimento teórico-metodológico, que nomeia de Análise Textual dos Discursos, em que explora os limites internos (textuais) e externos (discursivos) do texto, propondo diversas variáveis de análise que estão interligadas. Dentre os níveis de análise textual, uma categoria apresentada pelo autor é de sequências textuais, o que de construtos teóricos formadores de textos. Para ele, as sequências são uma das principais categorias do nível de estruturação composicional dos textos, sendo constitutivas de toda ocorrência textual.

De modo geral, Adam (2011) define as sequências como unidades textuais complexas, compostas de enunciados que se articulam de maneira coerente e coesa, contribuindo para a estruturação e construção dos sentidos do texto. Logo, todo texto é sempre composto de uma sequência ou de um conjunto de sequências, que podem pertencer a um mesmo tipo ou não. A maneira como um locutor arranja as sequências que compõem o seu texto é reveladora de sua intencionalidade, e tem a ver com a consecução de seu propósito comunicativo.

Em perspectiva semelhante à de Adam (2011; 2019), Marcuschi (2003, p. 27) explicou que “os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas mas relacionadas entre si”. Assim, todo texto resulta da configuração de um certo conjunto de sequências, que lhe dá forma e unidade. Para esse autor, os modos como essas sequências se organizam no texto podem ser muito variados, e dependem de elementos como os gêneros, os propósitos comunicativos, os efeitos de sentido pretendidos pelo locutor etc.

A redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), gênero do discurso objeto de nossa análise, é um texto caracterizado como prototipicamente argumentativo, classificado pelo próprio exame como dissertativo-argumentativo (Brasil, 2022), com a indicação de que o candidato deve defender um ponto de vista com base em argumentos consistentes, propondo uma intervenção ao problema discutido. Não obstante, acreditamos que esse tipo de texto se caracteriza pela mesclagem de sequências textuais para além da argumentativa, visto que o objetivo principal da redação é a defesa de um ponto de vista e que isso pode ser feito de diferentes maneiras, a partir de variados arranjos textuais, o que supõe o emprego de mais de um tipo de sequência.

Por isso, a partir do diálogo com Cavalcante e Silva (2023), defendemos a hipótese de que a redação do Enem não se constitui somente como um texto formado por sequências

argumentativas, mas é também composto por outros tipos de sequências, inclusive a narrativa, que, dentro dele, pode assumir importantes funções para a construção da argumentação. Nesse caso, é imperativo o estudo do texto da redação do Enem, a fim de observar tal aspecto e conferir a validade dessa hipótese. É nesse sentido que estabelecemos a seguinte questão para esta pesquisa: que funções apresenta a sequência textual narrativa no imbricamento de sequências textuais presentes em redações do Enem?

Para responder a essa questão, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar o funcionamento da sequência narrativa no imbricamento com outras sequências textuais em redações do Enem avaliadas com nota mil, exemplares prototípicos do gênero. O alcance desse objetivo deu-se a partir dos seguintes objetivos específicos: (a) descrever o plano de texto de redações do Enem avaliadas com nota mil; (b) identificar e classificar os tipos de sequências textuais presentes nesses textos; e c) analisar as funções que a sequência narrativa exerce quando imbricadas com outros tipos de sequências.

Com esse fim, o estudo encontra-se teoricamente amparado em aportes da Linguística Textual, especialmente a partir dos trabalhos de Marcuschi (2003; 2008), Adam (2011; 2019), Oliveira (2020), Cavalcante (2024), Cavalcante *et al.* (2022) e Cavalcante e Silva (2023). No que se refere à caracterização metodológica, trata-se de uma pesquisa que adota a abordagem qualitativa, tem um caráter documental, considerando o *corpus* analisado, de natureza básica e com objetivo descritivo-interpretativista.

Nesses moldes, a pesquisa busca contribuir significativamente com os estudos atualmente desenvolvidos em Linguística Textual no Brasil, a partir da aplicação de categorias analíticas a textos empíricos, bem como com as pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (Gpelt), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), notadamente na linha de pesquisa “Operações de textualização em textos de universos discursivos variados”, a que se vincula a presente investigação.

Para além dessa contribuição teórica, acreditamos, também, que esse trabalho poderá ter implicações para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, oferecendo subsídios para a ampliação de conhecimentos teórico-metodológicos que promovam um ensino de produção textual mais produtivo. É fundamental que os professores considerem em suas intervenções aspectos inerentes à produção textual, como a organização sequencial dos textos, uma vez que através deles os discentes poderão produzir textos de qualidade, adequados aos gêneros, o que lhes permitirá maiores condições para interagir nos diversos contextos sociais.

Finalmente, quanto ao formato de organização, esse artigo está organizado em cinco seções, iniciando por esta introdução. Na seção dois, referente à fundamentação teórica,

exploramos teorias e estudos relativos ao funcionamento das sequências textuais. Na seção três, dedicada à metodologia da pesquisa, fazemos a sua caracterização e detalhamos os procedimentos e instrumentos utilizados na coleta e análise de dados. A seção quatro é dedicada à análise e à apresentação dos resultados da pesquisa. Por último, na seção cinco, fazemos algumas considerações finais.

2 TEXTO, GÊNERO DO DISCURSO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

2.1 TIPOS TEXTUAIS E GÊNEROS DO DISCURSO

Uma tipologia refere-se à classificação ou categorização de algo com base em um conjunto de características comuns (Marcuschi, 2003). No âmbito dos estudos da linguagem, uma tipologia textual envolve a classificação de textos de acordo com certas características estruturais, linguísticas e comunicativas. É com base nesses tipos de elementos comuns que os textos são, no geral, classificados como narrativos, descritivos, argumentativos etc. Levando em conta a diversidade de textos existentes, uma tipologia textual pode ser útil para ajudar a compreender e analisar diferentes tipos de textos e suas funções comunicativas específicas.

Em Linguística Textual, de acordo com Marcuschi (2003, p. 24), “para a noção de tipo textual predomina a identificação de sequências lingüísticas típicas norteadoras”, ou seja, o foco principal está na identificação de regularidades de arranjos linguísticos que caracterizam diferentes tipos de textos específicos. Em outras palavras, ao analisar um tipo textual, deve-se identificar as sequências de palavras, frases ou de estruturas linguísticas que são comuns e características daquele tipo de texto em particular. Essas sequências linguísticas típicas servem como guias ou como referências para reconhecer e classificar um texto dentro de um determinado tipo textual, auxiliando na compreensão de suas características e funções comunicativas.

Nessa perspectiva, os tipos textuais diferem dos gêneros do discurso. Para Bakhtin (2016), os gêneros são formas relativamente estáveis de comunicação humana que são moldadas pelas práticas sociais e pela função comunicativa que desempenham em diferentes contextos. Esses enunciados são caracterizados por uma unidade temática, por um estilo e por uma unidade composicional. Nessa mesma direção, Marcuschi (2008) afirma que os gêneros são os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade que predominam em uma dada sociedade. Dessa forma, podemos dizer que os gêneros são definidos e compreendidos por meio de sua aplicação prática, sua

inserção em contextos sociais e históricos específicos, sua utilidade comunicativa, o tema abordado, o estilo de linguagem utilizado e a forma como são estruturados.

Cada esfera de atividade humana elabora os seus próprios gêneros, modelos por meio dos quais os textos passam nelas a circular. Além disso, os gêneros do discurso são vistos como entidades comunicativas que refletem e instauram práticas sociais e culturais relativamente estáveis. Eles são considerados como formas de ação social realizadas por meio de textos que estão inseridos em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos (Bazerman, 2006), isto é, em contextos particulares de interação e comunicação.

Embora essas noções de tipologia textual e de gêneros dos discursos estejam interligadas e, constantemente, sejam utilizadas em conjunto na análise textual, elas acabam apresentando distinções que são essenciais para a compreensão do funcionamento dos textos. Isso porque os tipos textuais referem-se à classificação de textos com base em suas características estruturais e linguísticas, permitindo a identificação de estruturas típicas que definem cada tipo textual, o que permite distinguir um texto como argumentativo, injuntivo ou narrativo, por exemplo. Por outro lado, os gêneros do discurso são entendidos como formas de ação social que se manifestam em contextos comunicativos específicos, refletindo assim práticas sociais e culturais.

Como se relacionam a construtos teóricos, a estruturas linguísticas, os tipos podem ser descritos em termos de sequências textuais. Por isso, no tópico seguinte, tratamos sobre a noção de sequência textual a partir, especialmente, dos trabalhos de Adam (2011; 2019). Antes, porém, situamos o empreendimento teórico-metodológico desenvolvido pelo autor no quadro da Linguística Textual, a fim de explicitar que o tratamento das sequências permite o exame de um dos níveis de análise textual propostos por ele.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO TEXTO: AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

2.2.1 A Análise Textual dos Discursos (ATD)

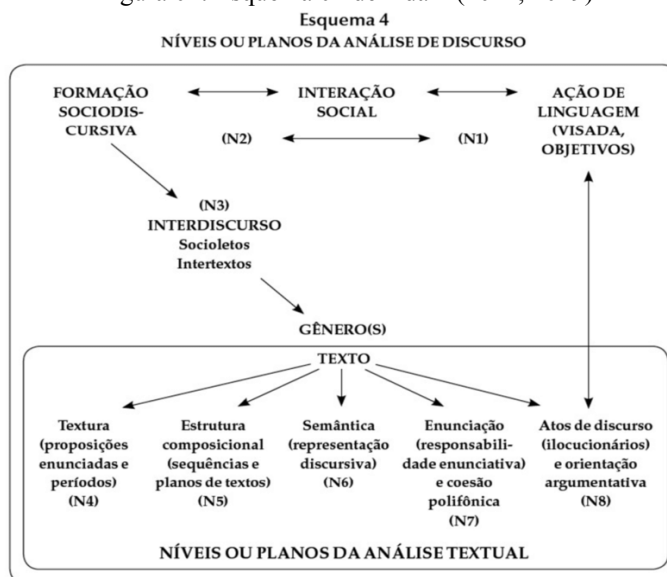
A comunicação é uma necessidade fundamental do ser humano e acontece sempre por meio de textos. Diante disso, os estudos em Linguística Textual têm se concentrado no texto como objeto de análise, visto que é por meio dele que os sujeitos usam a linguagem para se comunicar e interagir. De acordo com Adam (2019, p. 33), o texto deve ser entendido como uma unidade de comunicação e sentido, “a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala”, isto é, a forma concreta de uma interação social apresentada de

maneira verbal ou não verbal. Partindo dessa mesma perspectiva, Cavalcante *et al.* (2022) explicam que o texto deve ser compreendido como um evento comunicativo singular, que acontece sempre em determinado contexto.

Ainda em conformidade com Adam (2011; 2019), o texto não deve ser pensado em dissonância de sua discursividade. Por isso, o autor desenvolve uma abordagem analítica que denomina de Análise Textual dos Discursos. Essa teoria se acomoda ao aporte da Linguística Textual, mas estabelece uma importante conexão com a Análise do Discurso, possibilitando uma compreensão mais contextualizada da linguagem em uso a partir de textos materiais. Trata-se, como explica o autor, de uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que leva em conta não apenas a materialidade textual (cotexto), mas também os elementos de contextualização.

Dada a complexidade do objeto texto, porque é multifacetado, a sua análise requer a mobilização de uma espécie de teoria de conjunto, que leve em conta contribuições de diferentes abordagens (Adam, 2011). Assim, o autor entende que a análise do texto deve levar em conta níveis ou planos de análise textual e níveis da análise de discurso. A figura 01 ilustra a proposta de análise do escritor:

Figura 01: Esquema 04 de Adam (2011; 2019)



Fonte: Adam (2011; 2019)

Na proposta do autor, o texto deve ser analisado no quadro mais amplo das práticas discursivas. Ao focalizar, os níveis da análise textual, especialmente o nível 5, que trata da estrutura composicional, objeto de nosso estudo, Adam (2019) explica que a análise da estruturação de um texto ocorre em três níveis: microtextual, macrotextual e mesotextual.

No nível microtextual, são abordadas as relações entre as unidades linguísticas de menor nível, ou seja, elementos como palavras, morfemas, sintagmas, pontuação, entre outros. Nesse nível, a atenção acaba se concentrando na coesão textual e na conexão das unidades linguísticas, a fim de garantir a fluidez e a compreensão do texto.

Já o nível macrotextual se concentra na organização global do texto, considerando as unidades textuais mais amplas, como seções, partes, capítulos e plano de texto. Nesse nível, a atenção é direcionada para a estruturação do texto, incluindo a hierarquização dos conteúdos, a organização das partes do texto e as fronteiras paratextuais, como “(títulos, subtítulos, intertítulos, planos digitais, alfanuméricos e espaços em branco intercalares)” (Adam, 2019, p. 95), que ajudam na definição e na organização das partes do texto em um nível mais amplo de estruturação.

No nível mesotextual, a análise se concentra nas unidades intermediárias do texto, como os parágrafos e as sequências textuais. Nesse nível, são analisadas as relações e a organização entre as unidades do texto, buscando garantir a coesão textual e a progressão em um nível mais abrangente. Os elementos como linhas, parágrafos, título e subtítulos são considerados, demarcando as fronteiras e organizando a estrutura interna dos parágrafos e das sequências textuais. Portanto, esses elementos são fundamentais, pois contribuem para a hierarquização e a organização do texto em um nível intermediário de estruturação (Adam, 2019). Particularmente, nos interessa aqui esse nível mesotextual, porque tratamos especificamente das sequências textuais.

2.2.2 As sequências textuais

Para Adam (2019, p. 46), “as sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número definido de blocos de proposições de base, as macroproposições”. Uma proposição é considerada uma unidade textual mínima de análise, isto é, uma "unidade textual de base", o que significa que é a menor parte de um texto que pode ser analisada de forma independente. É importante mencionar que a proposição não é necessariamente uma unidade sintática, não podendo ser confundida com a frase ou o período gramatical, mas sim uma unidade semântica, uma unidade mínima de sentido do texto.

Assim, uma sequência se organiza em torno de um conjunto de proposições, de maneira a formar uma estrutura coesa e significativa dentro de um texto. Todo texto é sempre construído por um conjunto de sequências, que podem ser só de um tipo ou de tipos

diferentes. A maneira como as sequências se organizam em um texto pode variar bastante, dependendo do projeto de texto de cada locutor.

Por isso, Adam (2011; 2019) explica que é possível falar em diferentes tipos de sequências. O autor identifica os seguintes tipos: narrativas, argumentativas, descritivas, explicativas e dialogais. Cada um desses tipos tem características específicas que influenciam a forma como as unidades se organizam e se inter-relacionam no texto.

No texto, as sequências podem ser vistas como parte de uma hierarquia, em que sequências menores se combinam para formar sequências maiores e mais complexas. Essa estruturação sequencial é essencial para a construção de todo um texto, permitindo a transmissão de suas ideias de maneira eficaz. Diante disso, a linha traçada por Adam (2011; 2019) é que uma unidade constitui uma outra unidade de nível superior em complexidade, o que se refere à ideia de que, na construção textual, elementos menores se combinam para formar estruturas maiores, assim, uma combinação mais complexa de sequências textuais.

Assim, as sequências textuais desempenham papéis cruciais na organização e na estruturação dos textos, contribuindo para a construção de significados e para a transmissão eficaz de informações. Dessa forma, a teoria das sequências, que inclui a sequência descritiva, é importante para compreender como os textos são estruturados e como diferentes tipos de informações são organizadas para transmitir significados específicos (Adam, 2019).

Na sequência descritiva, as frases ou períodos são organizados de forma a descrever detalhadamente um objeto, uma pessoa, um lugar ou um evento, oferecendo as informações sensoriais e visuais que acabam permitindo que o leitor crie uma imagem mental vívida do que está sendo descrito. Nesse tipo de sequência, a ordem das informações pode não ser tão restritiva quanto a outros tipos de sequências, permitindo assim uma certa flexibilidade dos elementos descritivos. Além disso, cada unidade de sentido acaba contribuindo para a construção de uma descrição completa e mais detalhada do objeto em questão.

Na sequência argumentativa, as frases ou os períodos são organizados de forma que apresente os argumentos que sustentam uma tese ou um ponto de vista do locutor, um posicionamento sobre o tema abordado. Nesse tipo de sequência, as ideias ali presentes são estruturadas de maneira convincente com o objetivo de convencer o interlocutor da relevância de sua argumentação. De modo geral, a sequência argumentativa se estrutura com a apresentação da tese, a exposição dos argumentos que sustentam essa tese e a conclusão que reforça sua posição defendida. Diante disso, cada unidade de sentido contribui para a construção de um raciocínio coeso e coerente, utilizando estratégias argumentativas para convencer o interlocutor. Dessa forma, a análise da sequência argumentativa é essencial para

compreender como os argumentos são organizados e articulados em um texto, visando assim influenciar a interpretação e a aceitação da posição defendida (Adam, 2019).

Na sequência dialogal, as frases e períodos são organizados para representar um diálogo entre os interlocutores, seja em uma conversa real ou em um texto que represente uma interação verbal. As falas desses interlocutores são estruturadas de modo a reproduzir a troca de falas, com as intervenções iniciais e fechamento, de acordo como a interação que se desenvolve ao longo do texto. Cada unidade de sentido em uma sequência dialogal caracteriza uma fala ou intervenção de um dos interlocutores, contribuindo para a construção do diálogo. Além disso, ao analisar essas estratégias utilizadas na sequência dialogal, é possível identificar os elementos que caracterizam a sequência dialogal, como: a formulação de perguntas, o uso de marcadores discursivos e a repetição das ideias. Na visão de Adam (2019), a análise da sequência dialogal é essencial para compreender não apenas a estrutura dos diálogos em textos escritos, mas contribuem para a construção do sentido no texto.

Na sequência explicativa, as frases ou períodos são organizados de forma a explicar um conceito, fenômeno ou ideia de maneira clara e coerente. As informações são estruturadas de modo a apresentar uma organização lógica de causas e efeitos, motivos e consequências, razões e justificativas, com o objetivo de esclarecer um tema para o interlocutor (Adam, 2009). A explicação pode envolver a apresentação de definições, descrições, exemplos, comparações, analogias, auxiliando na compreensão do assunto abordado. Cada unidade de sentido da sequência explicativa contribui para a construção de um raciocínio claro e compreensível, fornecendo as informações necessárias para que o interlocutor compreenda o tema em questão. A análise dessa sequência é importante para identificar como as explicações são estruturadas em um texto, como os conceitos são desenvolvidos, ou seja, como as informações são organizadas de forma que esclareça um tema complexo, facilitando assim a compreensão do leitor (Adam, 2019).

A sequência narrativa, foco de nossa pesquisa, será tratada no próximo tópico, quando faremos uma discussão mais aprofundada ao seu respeito.

A partir da teoria de Adam (2019), compreendemos que as sequências textuais se organizam em esquemas textuais – estruturas organizacionais que orientam a composição e a compreensão de textos. Como já visto, elas representam padrões ou modelos que ajudam na organização das informações, na articulação das ideias e na estruturação do discurso. Esses esquemas podem variar com o tipo de texto, o gênero do discurso e o propósito comunicativo, auxiliando também tanto na produção quanto na compreensão de textos. Ao identificar e compreender esses esquemas textuais, os leitores ou escritores podem melhorar a sua

capacidade de produzir textos bem estruturados e de interpretar de forma mais eficaz as informações apresentadas. Esses esquemas textuais são, portanto, “ferramentas importantes para a organização e a eficácia da comunicação escrita de um texto” (Adam, 2019, p. 65).

Desse modo, ao reconhecer essas tipologias textuais, é comum encontrar em um gênero a materialidade de uma sequência tipologicamente dominante que remete à presença notável de uma sequência textual que se destaca ou desempenha uma maior influência na sua estrutura e na organização do texto. Essa sequência dominante pode ser o elemento mais frequente, mais significativo ou mais característico do gênero em questão, contribuindo para a identificação e a compreensão do texto dentro de sua categoria genérica.

Mas vale lembrar que a presença de uma sequência tipologicamente dominante em um gênero do discurso não implica na exclusão ou ausência de outras sequências dentro do mesmo gênero. Mesmo que uma determinada sequência seja dominante e prevaleça de forma mais evidente, é comum encontrar outros tipos de sequências também presentes, enriquecendo a variedade e a complexidade do texto. Koch e Bentes (2007, p. 77) corroboram essa ideia ao fornecer exemplos de como diferentes sequências podem coexistir em um mesmo gênero:

[...] num conto ou num romance, vamos encontrar, a par das seqüências narrativas, responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), seqüências descritivas (descrições de situações, ambientes, personagens), expositivas (intromissões do narrador); peças jurídicas como a petição inicial ou a contestação vão conter, normalmente, seqüências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas; num manual de instrução encontrar-se-ão, pelo menos, seqüências injuntivas e descritivas, e assim por diante.

Portanto, nem todo texto tem uma estrutura de sequência que seja de forma fixa ou ordenada. A organização textual pode variar significativamente, dependendo do gênero, da situação sociodiscursiva e do contexto de circulação em que o texto está inserido. Em muitos casos, a estrutura do texto é flexível e pode ser adaptada de acordo com as necessidades comunicativas e as convenções do gênero em questão (Oliveira, 2020).

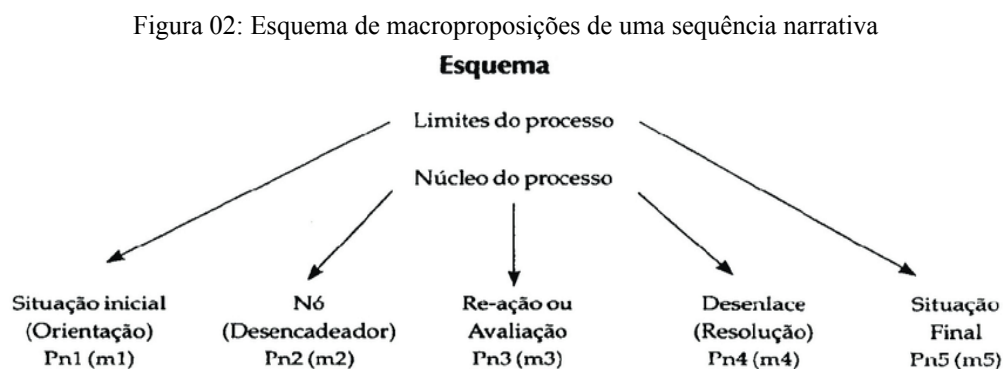
2.3 SEQUÊNCIA NARRATIVA

A sequência narrativa, conforme é delineada por Adam (2011), é uma estrutura que organiza a história em partes interconectadas, em que cada elemento desempenha um papel crucial na construção da trama e na experiência do leitor. Para o autor,

Toda narrativa pode ser considerada como exposição de “fatos” reais ou imaginários, mas essa designação geral de “fatos” abrange duas realidades distintas: **eventos** e **ações**. A **ação** se caracteriza pela presença do **agente**-ator humano ou antropomórfico-que provoca ou tenta evitar uma mudança. O **evento** acontece sob o efeito de causas, sem intervenções intencional de um **agente** (Adam, 2011, p. 225).

Diante disso, Adam (2011) enfatiza a complexidade da narrativa ao classificá-la como uma exposição de "fatos", que podem ser tanto reais quanto imaginários. Essa classificação é subdividida em duas categorias principais: ações e eventos. As ações são definidas pela presença do agente, que atua intencionalmente para provocar ou evitar mudanças em uma situação. Isso implica que as ações são motivadas por intenções e decisões, refletindo a capacidade do agente de influenciar o desenrolar da narrativa. Os eventos são descritos como ocorrências que acontecem através das causas externas, excluindo a intervenção direta do agente intencional. Essa distinção é essencial para compreender como as narrativas de um texto funcionam, pois enquanto as ações envolvem um elemento de escolha e responsabilidade, os eventos são mais passivos, ocorrendo como resultado das circunstâncias.

A narrativa se enriquece ao explorar essas duas dimensões, permitindo uma representação mais ampla da experiência humana e das interações com o mundo, seja em contextos fictícios ou na realidade. Na figura abaixo, Adam (2011) faz uma apresentação das macroproposições que formam uma sequência narrativa.



Fonte: Adam (2011, p. 225)

É através do esquema de macroproposições de uma sequência narrativa de Adam (2011) que podemos perceber a importância da estrutura e dos elementos que compõem uma narrativa. As informações são estruturadas de maneira a apresentar uma progressão temporal dos acontecimentos. Dois desses elementos (situação inicial e final) demarcam os limites do processo, e três deles (nó, re-ação ou avaliação e desenlace) compõem o núcleo do processo.

A situação inicial (Pn1 (m1)) é o ponto de partida de uma narrativa, em que se estabelece um estado de equilíbrio. Aqui, os personagens e o cenário são apresentados e uma situação de estabilidade é descrita. Essa fase é crucial porque fornece ao leitor o contexto necessário para entender a história. Dessa forma, a situação inicial é, portanto, a base sobre a qual a narrativa do texto se desenvolverá.

O segundo elemento é o nó (Pn (m2)), que é quando ocorre uma mudança que provoca a complicação da história. O "nó" é o momento em que um conflito ou problema é introduzido, desestabilizando o equilíbrio anterior. Essa complicação cria uma tensão e interesse na narrativa. A partir do nó, uma série de ações se desenrola. Tais ações são as respostas dos personagens e as complicações apresentadas, fundamentais para o desenvolvimento da trama.

O terceiro elemento da narrativa é a reação ou avaliação (Pn3 (m3)). Nessa fase, os eventos se desenrolam à medida em que os personagens tentam resolver o nó. O desenvolvimento inclui ações, reações e interações que avançam a trama, e é aqui que a narrativa ganha profundidade, mostrando como os personagens lidam com os desafios. É através do desenlace (Pn4 (m4)) que acontece o clímax: o ponto alto da narrativa, onde a tensão atinge seu extremo. A resolução do conflito ocorre quando os personagens enfrentam o problema de forma decisiva, levando a um desfecho que pode ser positivo ou negativo.

Por fim, a situação final (Pn5 (m5)), é quando se revela um novo estado de equilíbrio após a solução dos conflitos. O leitor vê como a narrativa muda em decorrência dos eventos. Essa situação final é importante para que assim aconteça o fechamento da história e acaba proporcionando uma sensação de completude.

Portanto, cada elemento (situação inicial, nó, reação, desenlace e situação final) é fundamental para garantir a organização das ideias. Isso significa que, sem esses elementos, a narrativa pode se tornar desarticulada, dificultando a compreensão. Essa estrutura da narrativa guia o leitor através da história, permitindo que ele siga a lógica dos eventos e entenda como os eventos acontecem entre eles. É através dessa ordem que a sucessão de eventos deve acontecer, pois isso contribui para a progressão da história (Adam, 2019). Nessa perspectiva, a narrativa é composta por unidades temáticas que organizam a sequência de eventos, permitindo uma progressão lógica que mantém o interesse do leitor e facilita a construção de sentido.

Além disso, as sequências narrativas não aparecem apenas em textos prototipicamente classificados como narrativos. Na verdade, a argumentação pode ser apresentada por meio de sequências narrativas, na qual a lógica dos argumentos é organizada em uma sequência

semelhante a um enredo. Isso significa que, em vez de simplesmente listar argumentos, o autor pode introduzir um problema, desenvolver um conflito e, finalmente, apresentar uma solução, criando uma narrativa que guia o leitor através do raciocínio. Essa abordagem não só auxilia a estruturar o pensamento de forma clara, mas também mantém o interesse do leitor, transformando a apresentação de ideias em uma experiência mais envolvente. A interconexão entre narrativa e argumentação evidencia a versatilidade do discurso, onde diferentes formas de expressão se complementam para criar um texto coeso e significativo.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar o funcionamento da sequência narrativa no imbricamento com outras sequências textuais em redações do Enem avaliadas com nota mil, esta pesquisa parte do pressuposto de que a organização composicional do texto da redação do Enem não se limita às sequências argumentativas, mas também incorpora outros tipos de sequências textuais, como a narrativa, que pode desempenhar funções importantes na construção da argumentação.

Diante disso, a pesquisa é de abordagem qualitativa. De acordo com Paiva (2019), esse tipo de pesquisa se concentra na compreensão de fenômenos sociais e humanos, utilizando métodos que permitem uma análise de conhecimentos mais profunda e contextualizada. Essa abordagem nos possibilitou investigar como as sequências narrativas se imbricam a outras sequências para construir a argumentação em redações nota mil do Enem.

Quanto à natureza da pesquisa, ela se caracteriza como aplicada. De acordo com Gil (2002), a pesquisa aplicada gera conhecimentos para aplicações práticas, dirigidos à solução de problemas específicos. Essa noção é reforçada por Paiva (2019), que enfatiza o seu caráter resolutivo de problemas reais, frequentemente encontrados em contextos específicos. Nesse sentido, ao analisar como as sequências narrativas funcionam em redações nota mil do Enem, pretendemos gerar inteligibilidade para possíveis aplicações práticas no ensino de Língua Portuguesa.

Relativo aos objetivos, a investigação se caracteriza como sendo uma pesquisa descritivo-interpretativista, já que, em um primeiro momento, os dados serão descritos, para, considerando o referencial teórico, serem interpretados.

No que diz respeito ao procedimento, a pesquisa enquadra-se como documental, pois ela se baseia em “materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2002, p. 45). Dessa

maneira, o estudo é assim caracterizado, porque o nosso *corpus* é composto por duas redações nota mil, encontradas na *Cartilha do participante da redação do Enem – Edição 2023*, publicada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A escolha desse material se justifica pelo seu alcance e pela qualidade de excelência na produção das redações, já que atendem aos critérios de avaliação estabelecidos pelo exame ao demonstrarem domínio avançado das competências exigidas, como a capacidade de argumentação, a coesão, a coerência e uso adequado da norma padrão da Língua Portuguesa.

Os textos da cartilha pertencem ao gênero redação do Enem e são considerados como modelos prototípicos, já que foram avaliados com nota mil. Além disso, é possível dizer que eles dão contorno ao gênero, estabelecendo suas características retóricas e discursivas.

Os textos do *corpus* foram selecionados a partir dos seguintes critérios: a) o *corpus* deveria ser constituído por modelos prototípicos, dados os seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais, isto é, redações nota mil; b) tais redações deveriam ser encontradas na *Cartilha do Participante* da edição mais atual do Enem – 2023 –, tendo em vista tal material já ser publicado e divulgado para os internautas; c) dentre as redações trazidas pela cartilha, considerando os limites desse trabalho, duas foram selecionadas a partir de um sorteio simples.

A análise desse *corpus* tem um número menor de textos por permitir um olhar mais detalhado com uma investigação mais atenta e profunda dos tipos de sequências textuais de cada redação. Diante disso, as redações selecionadas são consideradas exemplares prototípicas do gênero, ou seja, que representam bem as características que se espera encontrar em redações nota mil.

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, foram os seguintes:

- i) codificação do *corpus* em “Redação 1” e “Redação 2”;
- ii) descrição dos planos de texto das redações
- iii) identificação e classificação dos tipos de sequências
- iv) descrição e interpretação das funções da sequência narrativa.

Foi seguindo esse protocolo de análise que, na próxima seção, procedemos com a análise das redações.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo geral de investigar como ocorre o funcionamento da sequência narrativa no imbricamento de sequências textuais presentes em redações do Enem, esta seção é destinada às análises do *corpus*. Assim, buscamos, inicialmente, i) descrever o plano de texto de redações do Enem avaliadas com nota mil; ii) identificar e classificar os tipos de sequências textuais presentes nesses textos; e iii) analisar as funções que a sequência narrativa exerce quando imbricadas com outros tipos de sequências. Em vista disso, o nosso *corpus* é composto por duas redações nota mil encontradas na *Cartilha do participante da redação do Enem 2023*. As redações têm como tema “*Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil*”.

Para o desenvolvimento da análise de cada uma das redações elaboramos um quadro que apresenta a organização composicional do texto produzido pelo participante do Enem 2023. Os quadros são constituídos de quatro colunas, que identificam os blocos estruturais, a estrutura organizacional, a transcrição de cada parte do texto e as sequências textuais identificadas na análise. Dito isso, o quadro 1 apresenta o plano de texto da *Redação 1*.

Quadro 1: Organização composicional da *Redação 1*

Blocos	Estrutura organizacional	Transcrição do bloco textual	Sequências identificadas
BLOCO I	Introdução (Contextualização, tese e apresentação de argumentos).	O poeta modernista Oswald de Andrade relata, em “Erro de Português”, que, sob um dia de chuva, o índio foi vestido pelo português — uma denúncia à aculturação sofrida pelos povos indígenas com a chegada dos europeus ao território brasileiro. Paralelamente, no Brasil atual, há a manutenção de práticas prejudiciais não só aos silvícolas, mas também aos demais povos e comunidades tradicionais, como os pescadores. Com efeito, atuam como desafios para a valorização desses grupos a educação deficiente acerca do tema e a ausência do desenvolvimento sustentável.	Narrativa e Argumentativa
Bloco II	Desenvolvimento da argumentação	Diante desse cenário, existe a falta da promoção de um ensino eficiente sobre as populações tradicionais. Sob esse viés, as escolas, ao abordarem tais povos por meio de um ponto de vista histórico eurocêntrico, enraizam no imaginário estudantil a imagem de aborígenes cujas vivências são marcadas pela defasagem tecnológica. A exemplo disso, há o senso comum de que os indígenas são selvagens, alheios aos benefícios do mundo moderno, o que, consequentemente, gera um preconceito, manifestado em indagações como “o índio tem ‘smartphone’ e está lutando pela demarcação de terras?” — ideia essa que deslegitima a luta dos silvícolas. Entretanto, de acordo com a Teoria do Indigenato, defendida pelo ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, o direito dos povos originais à terra é inato, sendo anterior, até, à criação do Estado brasileiro. Dessa forma, por não ensinarem tal visão, os colégios fomentam a desvalorização das comunidades	Argumentativa e explicativa Descritiva

		tradicionais, mediante o desenvolvimento de um pensamento discriminatório nos alunos.	
Bloco III	Desenvolvimento da argumentação	Além disso, outro desafio para o reconhecimento desses indivíduos é a carência do progresso sustentável. Nesse contexto, as entidades mercadológicas que atuam nas áreas ocupadas pelas populações tradicionais não necessariamente se preocupam com a sua preservação, comportamento no qual se valoriza o lucro em detrimento da harmonia entre a natureza e as comunidades em questão. À luz disso, há o exemplo do que ocorre aos pescadores, cujos rios são contaminados devido ao garimpo ilegal, extremamente comum na Região Amazônica. Por conseguinte, o povo que sobrevive a partir dessa atividade é prejudicado pelo que a Biologia chama de magnificação trófica, quando metais pesados acumulam-se nos animais de uma cadeia alimentar — provocando a morte de peixes e a infecção de humanos por mercúrio. Assim, as indústrias que usam os recursos naturais de forma irresponsável não promovem o desenvolvimento sustentável e agem de maneira nociva às sociedades tradicionais. Portanto, é essencial que o governo mitigue os desafios supracitados.	Explicativa e argumentativa
Bloco IV	Representação de tese + proposta de intervenção	Portanto, é essencial que o governo mitigue os desafios supracitados. Para isso, o Ministério da Educação — órgão responsável pelo estabelecimento da grade curricular das escolas — deve educar os alunos a respeito dos empecilhos à preservação dos indígenas, por meio da inserção da matéria “Estudos Indigenistas” no ensino básico, a fim de explicar o contexto dos silvícolas e desconstruir o preconceito. Ademais, o Ministério do Desenvolvimento — pasta instituidora da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais — precisa fiscalizar as atividades econômicas danosas às sociedades vulneráveis, visando à valorização de tais pessoas, mediante canais de denúncias.	Caráter injuntivo e sequência argumentativa

Fonte: Elaboração própria.

A redação está organizada em quatro blocos estruturais organizacionais. Como explicitado no quadro, o bloco I, que se caracteriza como a introdução da redação, é constituído pela contextualização do tema, apresentação da tese e menção dos argumentos utilizados para a comprovação do ponto de vista central do autor (Cavalcante, 2024). O bloco II, por sua vez, inicia o desenvolvimento da argumentação, centrando-se no primeiro argumento: a educação deficiente sobre o tema abordado. Já o bloco III, continua desenvolvendo a argumentação, especificamente, focando no segundo argumento: a carência do progresso sustentável. O bloco IV, a conclusão da redação, faz a reapresentação de tese e proposta de intervenção. Seguindo a ideia de Silva, Sá e Santos (2023), que entendem a organização composicional como fundamental no texto, utilizamos essa organização para assim identificar os imbricamentos das sequências utilizadas pelos participantes do Enem.

A *Redação I* pode ser caracterizada como um texto prototipicamente argumentativo, já que o seu plano de texto se organiza, principalmente, em torno de sequências argumentativas (Cavalcante, 2024). Todavia, podemos observar blocos de texto argumentativo constituídos por outros tipos de sequências, como as sequências *explicativa*, *descritiva* e *narrativa*. Esses tipos de sequências acabam fortalecendo a argumentação apresentada pelo participante do exame. É nesse sentido que dizemos que elas apresentam também funções argumentativas, porque servem como uma espécie de estratégia para a apresentação de uma argumentação sólida.

No bloco I, o participante usa como estratégia a sequência narrativa para introduzir o tema da redação. O participante faz referência ao poema “*Erro de Português*”, do poeta modernista Oswald de Andrade, especialmente quando relata que, “*sob um dia de chuva, o índio foi vestido pelo português*”. Essa cena é uma representação simbólica de um evento histórico que é narrada pelo produtor do texto para, sobretudo, contextualizar o tema da redação proposto pelo Inep: “*Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil*”. Essa estratégia empregada pelo participante, além de introduzir o tema por meio de uma sequência narrativa, colocando em evidência o eixo temático abordado, funciona como indício de seu repertório sociocultural produtivo, aspecto solicitado em uma das competências avaliativas do exame, a competência 2.

Em seguida, no Bloco II, podemos identificar sequências argumentativas imbricadas com sequências explicativas e descritivas. O participante, ao desenvolver sua argumentação como evidencia o conectivo além disso, recorre à sequência descritiva para apontar características equivocadamente atribuídas aos povos indígenas: “*A exemplo disso, há o senso comum de que os indígenas são selvagens, alheios aos benefícios do mundo moderno, o que, conseqüentemente, gera um preconceito, manifestado em indagações como “o índio tem ‘smartphone’ e está lutando pela demarcação de terras?”*”. Do mesmo modo, ele também tenta desenvolver o argumento a partir de uma sequência explicativa, quando busca apresentar um conceito para a Teoria do Indigenato: “*Entretanto, de acordo com a Teoria do Indigenato, defendida pelo ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, o direito dos povos originais à terra é inato, sendo anterior, até, à criação do Estado brasileiro.*”. Nesse caso, assim como no anterior, esse elemento funciona como repertório sociocultural, o que potencializa a argumentação do candidato.

Para o Bloco III o participante começa o parágrafo com uma sequência explicativa, destacando que as entidades mercadológicas não se preocupam com a preservação das populações tradicionais, o que acaba sendo enfatizado através do conectivo “Além disso”,

vejamos o trecho: *“Além disso, outro desafio para o reconhecimento desses indivíduos é a carência do progresso sustentável. Nesse contexto, as entidades mercadológicas que atuam nas áreas ocupadas pelas populações tradicionais não necessariamente se preocupam com a sua preservação”*. Em seguida, ele utiliza uma sequência argumentativa para dizer que há a necessidade de intervenção estatal para amenizar esses problemas: *“À luz disso, há o exemplo do que ocorre aos pescadores, cujos rios são contaminados devido ao garimpo ilegal, extremamente comum na Região Amazônica.”*. Dessa maneira, a combinação de sequências explicativas e argumentativas no Bloco III não apenas informa o leitor sobre a situação das populações tradicionais, mas também fundamenta a necessidade de ação.

No que se refere ao Bloco IV, o participante reafirma a tese e apresenta a proposta de intervenção. Na verdade, são apresentadas duas propostas voltadas para o enfrentamento dos desafios apresentados. Para isso, ele adota em seu texto um caráter injuntivo, conforme pode ser verificado pelo emprego dos verbos e pela atribuição de responsabilidades aos agentes: *“Portanto, é essencial que o governo mitigue os desafios supracitados. Para isso, o Ministério da Educação — órgão responsável pelo estabelecimento da grade curricular das escolas — deve educar os alunos a respeito dos empecilhos à preservação dos indígenas, por meio da inserção da matéria “Estudos Indigenistas” no ensino básico, a fim de explicar o contexto dos silvícolas e desconstruir o preconceito.”*. Além disso, é possível notar que o participante apresenta o modo como a proposta deve ser desenvolvida, o que faz por meio de um tom procedural.

Portanto, na análise da *Redação 1*, percebemos que o texto é prototipicamente argumentativo, mas que o participante utiliza de outras sequências textuais, como a sequência narrativa. No texto, os empregos dessas outras sequências cumprem importantes funções. A sequência narrativa, por exemplo, funciona como estratégia de introdução e contextualização do tema.

O quadro 2 apresenta a organização composicional da segunda redação analisada neste trabalho.

Quadro 2: Organização composicional da *Redação 2*

Blocos	Estrutura organizacional	Transcrição do bloco textual	Sequências identificadas
BLOCO I	Introdução (Contextualização, tese e	Na música “Imagine”, de John Lennon, é retratada uma sociedade que se une, apesar das diferenças culturais, a fim de alcançar a felicidade. Assim como na obra, fora da canção, a harmonia social é imprescindível para o desenvolvimento de uma nação. Contudo, no Brasil, desafios como a negligência estatal, somada à presença de um ideário colonial no pensamento coletivo,	Narrativa e argumentativa

	apresentação de argumentos).	prejudicam a valorização das comunidades e dos povos tradicionais, impedindo a concretização dessa união. Desse modo, torna-se fundamental a atuação do Estado para solucionar esse óbice.	
Bloco II	Desenvolvimento da argumentação	Diante disso, é válido analisar, primeiramente, a improficuidade estatal perante o cumprimento dos benefícios normativos. Nesse sentido, segundo a Constituição Federal de 1988, todo cidadão brasileiro possui o direito à educação, cabendo ao Estado a sua efetivação no corpo social. Todavia, percebe-se, na realidade, que esse preceito não é difundido por completo, haja vista que, em virtude da escassa mobilização governamental referente à promoção de campanhas educacionais sobre as distintas comunidades tradicionais que residem no Brasil, diversas pessoas desconhecem a importância desses povos para a nação, a exemplo da utilização do conhecimento indígena para a preservação das florestas nativas, o que contribui para a desvalorização dessa população na atualidade. Logo, conclui-se que as autoridades públicas devem promover ações sensibilizadoras para reverter essa conjuntura.	Argumentativa e explicativa
Bloco III	Desenvolvimento da argumentação	Ademais, é imperioso postular como a perpetuação de um pensamento retrógrado afeta a sociedade tradicional. Nesse contexto, durante a colonização do Brasil, houve um processo de imposição da cultura eurocêntrica dos colonos nas comunidades colonizadas, ocasionando uma desvalorização dos povos tradicionais. Tendo isso em vista, observa-se, na contemporaneidade, a existência desse fenômeno, dado que persiste a exaltação de uma cultura globalizada em detrimento dos costumes das comunidades originárias, o que gera, por consequência, o apagamento de diversos hábitos tradicionais, como a mudança da vestimenta utilizada por algumas tribos indígenas, destacando a adaptação à cultura hegemônica. Dessa forma, faz-se essencial a criação de projetos governamentais que combatam esse pensamento antigo.	Argumentativa e narrativa
Bloco IV	Representação de tese + proposta de intervenção	Evidencia-se, portanto, que atitudes são necessárias, com o fito de extinguir os desafios para valorização das comunidades e dos povos tradicionais no Brasil. Posto isso, o Estado deve, por meio do Ministério da Educação — órgão federal detentor do papel educacional da nação —, realizar parcerias com os meios de comunicação existentes, a exemplo dos canais televisivos, com a finalidade de divulgar informações acerca da importância das distintas populações que residem no país, elucidando os brasileiros e eliminando a mentalidade colonial da sociedade. Somente assim, diferentes povos serão valorizados e a harmonia cantada por Lennon se concretizará no Brasil.	Caráter injuntivo e sequência argumentativa

Fonte: Elaboração própria.

Os quatro blocos que constituem a organização retórica da *Redação 2* apresentam uma mesma sequência de elementos composicionais da *Redação 1*: introdução (com contextualização do tema, apresentação da tese e menção de dois argumentos); desenvolvimento da argumentação (blocos II e III); e conclusão (com retomada da tese e explicitação da proposta de intervenção). Ao perceber isso, dialogamos com o que é pontuado

por Cavalcante (2024), quando o autor afirma que a redação do Enem tem um plano de texto convencional, isto é, bem estabelecido e, de certa forma, rígido, quando comparado com textos de outros gêneros.

No bloco I da *Redação 2*, podemos observar o uso de uma sequência narrativa para introduzir o tema. O participante utiliza como referência sociocultural a música: *"Imagine"*, de John Lennon, como ponto de partida. Dessa forma, a música serve como uma introdução para a argumentação que virá a seguir de forma analógica: *"Assim como na obra, fora da canção, a harmonia social é imprescindível para o desenvolvimento de uma nação"*. Essa sequência serve para fazer o elo entre a música e a realidade brasileira, assim, o participante acaba apresentando obstáculos que precisam ser superados. Esse contraste é usado para defender a tese: *"Contudo, no Brasil, desafios como a negligência estatal, prejudica a valorização das comunidades e dos povos tradicionais, impedindo a concretização dessa união. Desse modo, torna-se fundamental a atuação do Estado para solucionar esse obstáculo"*. Diante disso, podemos perceber o uso de conectores, como "contudo", para marcar a transição para um argumento que se opõe a ideia inicial, e a conclusão apontada para a necessidade de intervenção do Estado.

No bloco II, podemos perceber a presença da sequência argumentativa e da explicativa. O participante começa fazendo uma crítica ao Estado, afirmando este ser ineficaz em cumprir o que está normativamente previsto como os direitos estabelecidos na Constituição. Isso pode ser observado na seguinte passagem: *"Diante disso, é válido analisar, primeiramente, a improficuidade estatal perante o cumprimento dos benefícios normativos"*. Ele continua argumentando ao apontar que, embora a Constituição garanta o direito à educação, esse direito não é plenamente efetivado devido à falta de mobilização governamental para promover campanhas de conscientização sobre as comunidades tradicionais. Posto isso, ele sustenta sua tese de que o Estado tem sido negligente e precisa atuar mais efetivamente para sensibilizar a população sobre a importância dessas comunidades.

A sequência explicativa entra para reforçar o argumento apresentado, oferecendo um exemplo concreto: *"[...] a exemplo da utilização do conhecimento indígena para a preservação das florestas nativas, o que contribui para a desvalorização dessa população na atualidade."*. Esse imbricamento de sequências permite ao texto, tanto expor o problema (negligência estatal) quanto demonstrar, com exemplos, as consequências e a importância de uma solução.

No que diz respeito ao Bloco III, podemos identificar sequência narrativa e argumentativa. A sequência narrativa aparece ao relatar um processo histórico, a colonização brasileira: *"Durante a colonização do Brasil, houve um processo de imposição da cultura eurocêntrica dos colonos nas comunidades colonizadas, ocasionando uma desvalorização dos povos tradicionais"*. O participante usa essa sequência narrativa para desenvolver o argumento de que a desvalorização dos povos tradicionais brasileiros é histórica, sendo resquícios do período colonial. Assim, ele faz uma ligação do passado ao presente e mostra como esse fenômeno persiste até os dias atuais. A sequência argumentativa segue após a narrativa histórica, ao defender a ideia de que o pensamento retrógrado imposto durante a colonização ainda afeta as comunidades tradicionais.

No Bloco IV, o parágrafo apresenta caráter injuntivo seguido de sequência argumentativa. O participante inicia propondo ação que o Estado deve adotar: *"O Estado deve, por meio do Ministério da Educação [...] realizar parcerias com os meios de comunicação existentes, a exemplo dos canais televisivos, com a finalidade de divulgar informações acerca da importância das distintas populações que residem no país"*. Dessa maneira, o participante indica um caminho a ser seguido para eliminar o pensamento colonial na sociedade. Logo em seguida, o participante justifica argumentando porque a ação do Estado é necessária- *"Somente assim, diferentes povos serão valorizados e a harmonia cantada por Lennon se concretizará no Brasil"*. O trecho conclui, de forma argumentativa, com a ideia de que essa valorização trará a harmonia, o que é idealizado por Lennon, em sua música *"Imagine"*.

Diante disso, na análise da *Redação 2*, percebemos que o texto tem caráter prototipicamente argumentativo, mas que o participante, mais uma vez, utiliza de outras sequências textuais, os empregos dessas sequências cumprem importantes funções. Exemplo disso, é a função da sequência narrativa, que aparece em dois blocos: no primeiro bloco, funciona contextualizando o tema; e, no terceiro, introduzindo uma argumentação mais consolidada através de uma menção a um evento histórico: a colonização brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos analisar o funcionamento da sequência narrativa no imbricamento de outras sequências textuais em redações do Enem avaliadas com nota mil, exemplares prototípicos do gênero. O alcance desse objetivo deu-se a partir da descrição do plano de texto de duas redações do Enem avaliadas com nota mil, da identificação e

classificação dos tipos de sequências textuais presentes nos textos e da análise das funções que a sequência narrativa exerce quando imbricada com outros tipos de sequências.

De acordo com a fundamentação teórica baseada em Jean-Michel Adam (2011; 2019), entendemos que as sequências textuais, como unidades textuais complexas, que desempenham funções essenciais para a construção de sentido, e a sequência narrativa se mostra fundamental em redações do Enem, principalmente porque colaboram com a argumentatividade do texto.

Portanto, concluímos que o estudo da interação entre diferentes sequências textuais, conforme proposto por Adam (2011; 2019), pode contribuir de maneira significativa para o ensino de redação, oferecendo aos professores uma ferramenta analítica que valoriza a diversidade de estruturas e estilos na produção textual. Esse conhecimento é fundamental para aprimorar a capacidade dos estudantes de produzir textos de alta qualidade, que sejam coerentes e adequados aos gêneros do discurso exigidos em diferentes contextos. Futuras pesquisas da área podem investigar, ainda, estratégias para a construção de uma argumentação eficaz, buscando contribuir com o ensino de argumentação na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.

ADAM, J. -M. **A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação do ENEM 2023: Cartilha do participante**. Brasília, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_no_enem_2023_cartilha_do_participante.pdf. Acesso em: 20 de ago. 2024.

BAZERMAN, C. (2006). **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez.

CAVALCANTE, F. M. L. **Ponto de vista e voz autoral em redações nota mil no Exame Nacional do Ensino Médio: uma abordagem textual**. 2024. Dissertação de Mestrado (Pós-Ensino) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 2024.

CAVALCANTE, M. M., et al. **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, F. M. L.; SILVA, A. A. **A redação do Enem: um estado do conhecimento**. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 23, n. 2, p. 51-70, 13 out. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Koch, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, M. **A sequência narrativa em fanfics retextualizadas a partir de contos de mistério**. 2020. Dissertação (mestre em letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propeg), Campus avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Programa de mestrado profissional em letras em rede nacional (Profletras), Unidade de Pau dos Ferros, [s. l.], 2020.

PAIVA, V. L. M. de O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1ª ed.- São Paulo: Parábola, 2019.

SILVA, A. A.; SÁ, K. B.; SANTOS, S. A. dos. (2023). **Plano de texto e organização tópica em redação do Enem: pontuando contribuições para o ensino de produção textual**. *Revista Da Anpoll*, 54(1), e1899. <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1899>. Acesso em: 20 de set. 2024.